

Língua Portuguesa / Literatura Brasileira

Texto I

PENSEROSO:

Vê – o mundo é belo. A natureza estende nas noites estreladas o seu véu mágico sobre a terra, e os encantos da criação falam ao homem de poesia e de Deus. As noites, o sol, o luar, as flores, as nuvens da manhã, o sorriso da infância, até mesmo a agonia consolada e esperançosa do moribundo unguado que se volta para Deus. (...) Quando tua alma ardente abria seus vôos para pairar sobre a vida cheia de amor, que vento de morte murchou-te na frente a coroa das ilusões, apagou-te no coração o fanal do sentimento, e despiu-te das asas da poesia? Alma de guerreiro, deu-te Deus porventura o corpo inteiriçado do paralítico? (...) Oh! Não! Abre teu peito e ama. Tu nunca viste tua ilusão gelar-se na frente da amante morta, teu amor degenerar nos lábios de uma adúltera. Alma fervorosa, no orgulho de teu ceticismo não te suicides na atonia do desespero. A descrença é uma doença terrível: destrói com seu bafo corrosivo o aço mais puro. (...) Para os peitos rotos, desenganados nos seus afetos mais íntimos, onde sepultam-se como cadáveres todas as crenças, para esses aquilo que se dá a todos os sepulcros, uma lágrima! (...) A esses leva uma torrente profunda: revolvem-se na treva da descrença como satã no infinito da perdição e do desespero! Mas nós, mas tu e eu que somos moços, que sentimos o futuro nas aspirações ardentes do peito, que temos a fé na cabeça e a poesia nos lábios, a nós o amor e a esperança: a nós o lago prateado da existência. Embalemo-nos nas suas águas azuis – sonhemos, cantemos e creiamos.

(AZEVEDO, Álvares de. *Macário, Noites na Taverna e Poemas Malditos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983, p.138-9.)

Vocabulário:

fanal = farol, guia

inteiriçado = rijo, imóvel

atonía = fraqueza

Questão 01

O texto de Álvares de Azevedo contém a fala do personagem Penseroso, que se dirige a um interlocutor utilizando uma linguagem crítica em registro culto.

A) “A descrença é uma doença terrível: destrói com seu bafo corrosivo o aço mais puro.” (linhas 10 e 11)

O fragmento acima menciona atitude, particularmente marcante, de um período da literatura brasileira. Identifique esse período e estabeleça uma relação entre ele e a atitude diante da vida, mencionada no fragmento.

B) “A natureza estende nas noites estreladas o seu véu mágico sobre a terra, e os encantos da criação falam ao homem de poesia e de Deus.” (linhas 1 e 2)

Reescreva o período acima, substituindo a oração sublinhada por:

- uma oração de valor temporal;
- uma oração de valor condicional.

Altere apenas o absolutamente necessário e não use orações reduzidas.

Questão 02

“Quando tua alma ardente abria seus vôos para pairar sobre a vida cheia de amor, que vento de morte murchou-te na frente a coroa das ilusões, apagou-te no coração o fanal do sentimento, e despiu-te das asas da poesia?” (linhas 4 a 7)

- A) Transcreva da frase acima o termo que o pronome possessivo “seus” retoma.
Explique, em uma frase completa, a relação sintática entre “seus” e “vôos”.
- B) Reescreva integralmente apenas a quarta oração, colocando-a na ordem direta e substituindo o pronome oblíquo por um pronome possessivo. Faça somente as alterações necessárias.

Texto II

FAVELÁRIO NACIONAL

1 - Prosopopéia

- Quem sou eu para te cantar, favela,
que cantas em mim e para ninguém a noite inteira de sexta
e a noite inteira de sábado
e nos desconheces, como igualmente não te conhecemos?
05 Sei apenas do teu mau cheiro: baixou a mim, na viração,
direto, rápido, telegrama nasal
anunciando morte...melhor, tua vida.
- Decoro teus nomes. Eles
jorraram na enxurrada entre detritos
10 da grande chuva de janeiro de 1966
em noites e dias e pesadelos consecutivos.
-
- Tua dignidade é teu isolamento por cima da gente.
Não sei subir teus caminhos de rato, de cobra e baseado,
tuas perambeiras, templos de Mamalapunam
15 em suspensão carioca.
Tenho medo. Medo de ti, sem te conhecer,
medo só de te sentir, encravada
favela, erisipela, mal-do-monte
na coxa flava do Rio de Janeiro.
- 20 Medo: não de tua lâmina nem de teu revólver
nem de tua manha nem de teu olhar.
Medo de que sintas como sou culpado
e culpados somos de pouca ou nenhuma irmandade.
- Custa ser irmão,
25 custa abandonar nossos privilégios
e traçar a planta
da justa igualdade.
Somos desiguais
e queremos ser
30 sempre desiguais.
E queremos ser
bonzinhos benévolos

35 comedidamente
sociologicamente
mui bem comportados.
Mas favela, *ciaó*,
que este nosso papo
está ficando tão desagradável.
Vês que perdi o tom e a empáfia do começo?

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo*. São Paulo, Record, 1984, p. 109-12.)

Questão 03

O texto II tem como subtítulo a palavra Prosopopéia e aborda uma temática de apelo social.

- A) Sintetize, em uma frase completa, a relação entre o subtítulo e a favela.
- B) Sintetize, em uma frase completa, por que somos culpados de pouca ou nenhuma irmandade, segundo a argumentação do texto.

Questão 04

“*Somos desiguais / e queremos ser / sempre desiguais / E queremos ser / bonzinhos benévolos / comedidamente / sociologicamente / mui bem comportados*” (versos 28 a 35)

- A) Pleonasmo é a figura de linguagem através da qual a redundância de termos de sentido equivalente confere à expressão mais vigor ou clareza.
Transcreva integralmente apenas um verso do fragmento acima em que um pleonasmo expressa crítica irônica, e explique, em frase completa, por que se trata de ironia.
- B) A estilística nos aponta meios diferentes de expressar o mesmo conteúdo, expandindo ou reduzindo o texto. Empregando a conjunção aditiva e, reescreva os versos “*comedidamente / sociologicamente*”, fazendo apenas as alterações necessárias para eliminar a repetição do sufixo *-mente*, sem modificar o sentido original do verso.
Explique, em uma frase completa, a diferença estilística entre os versos originais e a sua resposta.

Questão 05

A estrutura e a linguagem dos textos I e II têm poucos pontos de contato. Aproximam-se, por exemplo, na referência a um eventual destinatário e na exemplificação argumentativa.

Do ponto de vista da construção gramatical e poética, considere o proposto nos itens A e B.

- A) Observe os seguintes fragmentos do texto I:
“*onde sepultam-se como cadáveres todas as crenças*” (linha 12)
“*Embalemo-nos nas suas águas azuis*” (linha 17)
Sintetize, em uma frase completa, por que, no texto I, esses fragmentos representam atitudes diferentes quanto às regras de colocação dos pronomes átonos enclíticos “*se*” e “*nos*”.
- B) Transcreva integralmente do texto II o único verso em que é avaliado o modo de se expressar do eu-lírico e no qual se constata a mudança neste modo de expressão. Justifique sua resposta em uma frase completa.